

OS “SENTIDOS” NA PESQUISA ACADÊMICA

Marcio Gomes de Sá *

RESUMO

Cérebros não se apresentam ao mundo de forma passiva, mas, sim, interpretam a realidade do ponto de vista do observador. Nada que está fora entra diretamente na mente, é mediado pelos sentidos e pelo cérebro. Neste texto, proponho reflexões que tomam por base uma “analogia sensorial”. Visão, tato, paladar, olfato e audição são, muitas vezes, esquecidos e ignorados – em seus múltiplos sentidos – pela mecanização do processo de produção acadêmica nas ciências sociais (aplicadas). Mas o que há, de fato, em comum entre sentidos humanos e investigação científica? O que podemos aprender com esta analogia? As próximas linhas trazem reflexões sobre estas questões. Todavia, desde já, fica o alerta: este exercício poderá ir mais além...

ABSTRACT

Brains are not presented to the world in a passive form. They interpret the reality from the point of view of the observer. Nothing that is outside enters directly in the mind, it is mediated by senses and brain. In this text I propose reflections from “a sensorial analogy”. Vision, tact, palate, smell and audition are, many times, forgotten and ignored – in its multiples meanings – by the mechanization of the process of academic production in social sciences (applied). But what it has, in fact, in common between human senses and scientific inquiry? What we can learn with this analogy? The next lines bring reflections on these questions. However, at once is placed an alert: this exercise can go farther...

* Pesquisador do Núcleo de Marketing e Tecnologia de Negócios – Núcleo MTN/PROPAD/UFPE.

¹ Este texto é fruto de reflexões que tiveram início no curso de Metodologia da Pesquisa em Administração oferecido pelo Prof. Pedro Lincoln C. L. de Mattos (a quem faço questão de agradecer, assim como aos demais colegas de turma, pelas discussões inspiradoras!) no PROPAD – Programa de Pós-Graduação em Administração da UFPE, durante o segundo semestre de 2003. Ao Prof. Pedro faz-se necessário registrar um agradecimento ainda maior (1) por seus constantes estímulos ao longo de nosso convívio; (2) pela revisão precisa, diversas críticas e sugestões (que muito se fazem aqui presentes) que me desafiaram a (re)trabalhar todo o texto preliminar. Muito obrigado sábio mestre! Também agradeço ao Prof. Robinson M. Tenório por seus comentários elogiosos e pertinentes indicações bibliográficas.

Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura.

"A águia e a galinha", Leonardo Boff.

A mente humana é "máquina" complexa, não linear, de estilo autopoietico (Maturana, 2001). Cérebros não se apresentam ao mundo de forma passiva, mas, sim, interpretam a realidade do ponto de vista do observador. **Nada que está fora entra diretamente na mente, porque é mediado pelos sentidos e pelo cérebro**, que constroem, desconstroem e reconstroem imagem interpretativa, de dentro para fora. Mesmo caso um ser humano quisesse "copiar a realidade", o é incapaz, justamente por não a reproduzir, e sim a reconstruir, ao tentar copiá-la (Demo, 2004).

Entretanto, o racionalismo moderno muito nos tentou "seduzir" por meio de uma "crença absoluta" (e infundada) na razão e na precisão científica. Embora muitos insistam em contestar suas premissas, o paradigma cartesiano ainda se faz fortemente presente no cotidiano e na pesquisa acadêmica contemporânea.

Para o neurobiologista português António Damásio (1996), significativa parte dos principais problemas desta forma de pensar reside na noção dualista com a qual se separa mente e corpo. Ao se indagar, sugestivamente, sobre "qual foi então o erro de Descartes, ou, melhor ainda, a *que* erro de Descartes me refiro com ingratidão?" (p. 279, grifo do autor), Damásio se contrapõe à clássica máxima do filósofo francês, "penso, logo existo".

Considerada literalmente, a afirmação ilustra exatamente o oposto daquilo que creio ser verdade acerca das origens da mente e da relação entre mente e corpo. [...] Para nós, portanto, **o princípio foi a existência e só mais tarde chegou o pensamento**. E para nós, no presente, quando vimos ao mundo e nos desenvolvemos começamos ainda por existir e só mais tarde pensamos. **Existimos [e naturalmente sentimos] e depois pensamos e só pensamos na medida em que existimos**, visto que o pensamento é, na verdade, causado por estruturas e operações do ser (p. 279, grifo nosso).

Sigo as afirmações de Damásio. Deve ser mesmo "anti-cartesiano" o ponto de partida da ciência e da filosofia, ou seja, se "**existo (e sinto), logo penso**". Sendo assim, juntamente ao "sentir"², nossos sentidos apresentam importância basilar ao pensar científico. É justamente deste ponto que parto nesta "aventura reflexiva".

Antes, um minuto. É preciso situar você, leitor, quanto a algumas questões.

Estamos nas ciências sociais ou humanas (mesmo quando se adota subdivisão "aplicadas"), ou ainda, para Abraham A. Moles, nas "ciências do impreciso". Diz ele que

vivemos em meio a fenômenos vagos, a coisas imprecisas, a situações perpetuamente variáveis" (1995, p. 15). "Em nossa vida cotidiana, em nosso ambiente, situam-se objetos que não pertencem mais ao mundo da natureza: são formas e cores, são outros homens, são impressões dentro do nosso campo de consciência e todas estas se repetem ou se renovam [...] (p. 24).

Ser pesquisador neste campo "impreciso" nos distancia dos laboratórios e nos aproxima da vida como ela, de fato, o é. Assim, o pesquisador social tende, ainda mais que outros, a mostrar-se "gente". **É ser humano "sentinte", curioso**

² Apesar de Damásio (1996) conduzir a discussão sobre "o sentir" num sentido mais amplo (que o aproxima de sentimentos e emoções), aqui seu pensamento nos serve de inspiração inicial no que se refere aos sentidos humanos básicos...

cientista que pesquisa e sente. Muito embora a dimensão subjetiva deste "ser que pesquisa" seja comum a todos os que desempenham esta atividade, a dimensão pessoal é única. Quero dizer, ao passo que a subjetividade do pesquisador pode ser comparada uma a outra, sua dimensão pessoal não. Mas não é a ação do pesquisador uma ação objetivada? Não é a ciência um conhecimento objetivo? Sim, mas também nela observa-se dimensão subjetiva e pessoal de um Ser que investiga. Estes são aspectos inegavelmente presentes na pesquisa social. Como enveredarei por entre percepções e sensações, é importante, desde já, deixar este ponto claro. Feito o alerta devido, não me preocuparei mais com estas distinções adiante. Estas ficam a cargo do leitor caso (e quando) as julgue necessárias.

Aproveito, ainda, para explicitar que as palavras seguintes apenas têm como inspiração nossas funções sensoriais. Anseiam, por meio de analogias, provocar reflexões sobre a atividade da pesquisa em ciências sociais. De antemão, o erro da interpretação literal é advertido.

Aqui me liberto dos "rigores científicos" e "dou asas" a reflexões que tomam por base uma "analogia sensorial". Visão, tato, paladar, olfato e audição são, muitas vezes, esquecidos e ignorados – em seus múltiplos sentidos – pela mecanização do processo de produção acadêmica nas ciências sociais (aplicadas)³. **Mas o que há, de fato, em comum entre sentidos humanos e investigação científica? O que podemos aprender com esta analogia?** As próximas linhas trazem reflexões sobre estas questões. Todavia, desde já, fica o alerta: este exercício poderá ir mais além...

Primeiro a "visão". Todos "vemos", mas não da mesma forma, todas as coisas. Muitas vezes, a "visão" serve de adjetivo aos homens que, tidos como "visionários", "vêm à frente" de seu tempo. Elementar para a interação e compreensão no (do) mundo, a "visão" também oferece uma série de ilusões "ópticas" (ou não!?). Ao nos "despertar imagens" de todo o tipo, apresenta poder para nos propiciar criar mundos diferentes. Criamos mundos a partir da interpretação que fazemos do que "vemos". Cada mundo, cada interpretação, assim como cada um de nós, é único...

Este sentido me leva a reflexões profundas sobre como "vemos" a realidade e o quão fundamental é o entendimento do que se vê, afinal, "devemos compreender o que vemos ou, do contrário, não o vemos" (Foester, 1996, p. 71). O pensamento de William Blake, apresentado por Foester (p. 59), destaca que ele não acreditava "ver com os olhos, mas sim por meio deles". A fisiologia do sistema nervoso apresenta uma relação muito próxima entre visão e cognição. Quando biólogos começam a tratar da visão (em sentido literal), esvaziam logo a idéia do senso-comum. Maturana e Varela (1997) afirmam que a visão é 80% de elaboração do cérebro e 20% impulsos da retina. A "visão vem da mente" e precisa ser compreendida como tal. É fundamental na atividade científica.

O Ser que pesquisa não pode menosprezar a "visão", muito menos confundir-la com a prática da observação (mais ampla, que engloba também os outros sentidos). Outro ponto, ilusões podem ser construídas pela "visão". Pesquisadores não parecem, às vezes, buscar se iludir? Para Foester (1996), a "visão" humana é seletiva, somente vemos o que queremos ver. Estaríamos preparados pra ver o que é realmente preciso? Não seria na descoberta do "não ver" que realmente se dá um grande passo para o crescimento do pesquisador? Esta poderia ser seu despertar, abertura para sua "visão verdadeira" a partir do reconhecimento de suas limitações. Além de tudo isso, a "visão", também, é significativa para que cientistas possam construir sua "visão de ciência".

³ Para uma melhor compreensão conjuntural desta problemática, ver: CARVALHO, Cristina Amélia; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. *Algo está podre no reino da Dinamarca. Organizações & Sociedade*, 2003, 10 (26), pp. 185-187. Além do comentário do Prof. Carlos Osmar Bertero no mesmo número e a tréplica dos primeiros no número seguinte da mesma publicação.

Passo ao "tato". Tocar, "sentir na pele" o quente e o frio. "Tato" é fonte abundante de aprendizado para crianças curiosas que experienciam o mundo (também) por meio do que é possível, nele, tocar. Muitos adultos são, freqüentemente, acusados (com razão) de "falta de tato" em determinadas circunstâncias cotidianas.

Na pesquisa acadêmica, "tato" se mostra útil ao pesquisador que se aproxima do contexto do estudo e tenta conhecer suas especificidades; em suas interações sociais de campo; para não ser insistente em querer "quantificar o inquantificável"; em não desprezar tudo aquilo que não pode ser traduzido em números; entre outros proveitos. Por não saber "lidar com" certas situações e não apresentar sensibilidade necessária a determinadas etapas de uma investigação, o pesquisador pode ser réu da mesma acusação da qual muitos adultos são culpados.

Indo além, o "tato" nos desafia a fechar os olhos e, ao tatear um objeto desconhecido, imaginá-lo. Ou seja, projetar algo que, em sua totalidade, corresponda aos pontos contatados; dê sentido às sensações táteis que se está tendo. Tateando se usa a imaginação e, como bem diz C. W. Mills (1982), esta é basilar à atividade científica. O pesquisador precisa aliar "tato" à "visão" (e, também, aos demais sentidos) e manter-se atento para não cometer "equivocos táteis" – como no conto hindu, sobre os seis cegos e o elefante, apresentado por Morgan (1996, p. 346).

Agora. Pegue um frasco de perfume. Destampe-o. Respire fundo. Qual é sua fragrância? O que esta lhe desperta? É por meio do olfato que sentimos os "aromas da vida". Em nossa experiência sensitiva, somos "coleccionadores destes aromas" e dos significados a eles relacionados. "Isso não está me cheirando muito bem...". Diariamente escutamos frases como esta. "Cheirar bem" ou "cheirar mal" são expressões que, também, podem assumir outros "sentidos".

O "olfato" pode propiciar ao pesquisador "sentir o cheiro" do que é importante e não está ao alcance da "visão" ou possa ser "tateado" – o que há, de fato, por trás da ação, o simbólico, o que realmente pode explicar a interação humana e apenas foi "deixado no ar...". Para isso, o "faro" – tão utilizado no jargão jornalístico – deve fazer-se constantemente presente na pesquisa acadêmica. O seu "faro" vai longe? Você tem "faro fino"? Já se fez estas perguntas? Se você é pesquisador (ou quer ser), acho bom fazê-las! O "olfato" se une à "visão", ao "tato" e, mais que isso, o "cheiro bom" que podemos sentir por meio dele abre o "apetite", desperta o nosso "paladar"...

Para apreciar o sabor de uma boa comida, o gosto do doce e do azedo, degustar iguarias "sem igual", recorreremos ao paladar. É deste "sentido" que também precisamos para "sentir o gosto" do que "na vida se faz", afinal, cada coisa tem "sabor próprio".

O "paladar" possibilita ao pesquisador descobrir o "gosto gostoso da pesquisa". Mas para essa e outras descobertas, antes de tudo, é preciso se permitir "sentir o verdadeiro sabor" da ciência – que muitas vezes está escondido por entre prazos, pressões, normas e compromissos que tanto interferem na essência da atividade científica –, do prazer de se trabalhar baseado no "livre (e curioso) pensar".

Que tal "temperar" o "pensar científico" com ousadia e inovação? Por que não fazer como *gourmets* de primeira linha que tanto ousam e inovam em suas "criações culinárias"? Seria de extrema importância, na pesquisa acadêmica, descobrir "novos condimentos"; experienciar "novas receitas"; "saborear os ingredientes", o próprio "preparo e degustação dos pratos", ou melhor dizendo, a concepção, realização e os "produtos finais" de nossas pesquisas. Capacidade inventiva é condição essencial para o pesquisar. Como fazê-lo sem "experimentar o sabor" de fazer diferente?

Mas para "fazer diferente" é preciso "ouvir diferente". E como bem disse São Tomé, "quem tiver ouvidos para ouvir que ouça!"⁴ Ao pesquisar, "escutar" é captar

⁴ Apócrifo.

o que está para além da fala, nas entrelinhas. É deslocar-se em busca de uma "escuta profunda", o entendimento. A "audição" é o último dos sentidos, mas não a última das reflexões.

Será que nós, pesquisadores, realmente sabemos ouvir? Ou estamos, como se observa nas interações em sociedade, mais preocupados em falar? Na investigação científica não é tão diferente do cotidiano, muito se "peca" por falar em demasia e pouco escutar. Este "pecado" pode ser capital em nossa atividade. Para o pesquisador, é sempre importante tentar manter um "relativo controle" nas suas interações lingüísticas de campo, afinal, quem está na escuta, e conduz a fala do seu interlocutor, está no comando da conversa. Escutar é mais do que preciso; saber fazê-lo, principalmente ao pesquisar, é uma "arte" que precisa ser laboriosamente aperfeiçoada...

E quanto às preciosas dicas de pares competentes, alguns "sábios mestres", será que as escutamos da forma devida? Ao que me parece, dificilmente nos permitimos sentar e nos escutar uns aos outros – a não ser nos espaços e momentos que compõem a ritualística da comunidade científica. Muito perdemos ao manter "os ouvidos bem fechados" aos colegas de ofício. Muitos deles, nossos vizinhos de sala!

"Visão", "tato", "paladar", "olfato" e "audição" podem nos ajudar a "desmontar a engrenagem da máquina cartesiana de fazer ciência social. Será que estamos fazendo uso adequado dos "sentidos" na atividade acadêmica? Hoje, ainda, não são poucos os trabalhos acadêmicos produzidos "sem sentidos". Normas e regras têm sido priorizadas em detrimento da significância do estudo, de sua relevância para o "saber coletivo". Não se estaria investindo muito em estudos nos quais o método prevalece e a construção do saber é negligenciada? Para onde a pesquisa caminha desta forma? Há sentido neste tipo de produção acadêmica? Como seria se, em nossas pesquisas, houvesse menos repetição de fórmulas prontas e mais "sentidos"?

Impossível não pensar em estender estas reflexões "para além" dos "sentidos básicos" – assim como a atividade acadêmica – e provocar você a uma "viagem mais profunda"...

Sapiência é, também, fazer "bom uso dos sentidos". Estes são veículos de percepções que nos propiciam mais aprender "sobre a vida". Não seria "o sábio", como aquele "velhinho descalço" que humildemente tanto reafirmava "nada saber"⁵, e assim mantinha-se constantemente aberto a um "novo aprender"? Os "sentidos" não seriam importantes àquele que sabe que é sábio-ser-eterno-aprendiz?

Um outro sábio nos presenteia novamente, agora com uma provocação final.

Sábio tem a ver com saber e com sabor. Não com qualquer saber. Mas com saber que tem sabor. O saber tem sabor quando resulta de experiências, de sofrimentos, de observações dos vaivéns da vida. O sábio vê para além das aparências. Não se deixa iludir por elas. Por isso não tem ilusões. Tem intuições certas. Vê dentro das coisas. Capta a verdade profunda que se entrega somente aos atentos. A verdade não é feita de frases corretas, mas de visões que sintonizam o coração com desejo e o desejo com a realidade. Só quem se abre à realidade e nutre profunda simpatia para com ela tem acesso à verdade (Boff, 1997, pp. 121-2).

Que almejemos mais sapiência ao fazer ciência! Tentemos fazer "bom uso" dos nossos "sentidos" em todos os sentidos!

⁵ Em referência a Sócrates e sua célebre máxima: "só sei que nada sei".

REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. 32 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes**: emoção, razão e cérebro humano. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- DEMO, Pedro. **Saber Pensar**. 2004. Disponível em: <http://pedrodemo.blog.uol.com.br/>. Acesso em: 8 de jun de 2005
- FOESTER, Heinz von. Visão e conhecimento: disfunções de segunda ordem. In: SCHNITMAN, D. F. (org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. pp. 59-74.
- MATURANA, Humberto R. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Organização de C. Magro e V. Paredes. Belo Horizonte: Ed. Humanitas/UFMG, 2001.
- MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. G. **De máquinas e seres vivos**: autopoiese – a organização dos vivos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MOLES, Abraham A. **As ciências do impreciso**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- MORGAN, Gareth. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 1996.